

LER VCA
CAUSA AVC

**LER VCA
CAUSA AVC**

ÍMPETO E TEMPESTADE

CANDELABRO E PESADELO

VERBO DE BARRO

A CIMITARRA E O LUME

CONFISSÃO DE LEITORAS

ELEGIAS RECIFENSES

POMAR DO APOCALIPSE

ELEGIAS GRAVATAENSES

ARTE POÉTICA

DEDICATÓRIAS

Aos devotos caninos de Kant
e às fecundas diatribes do espírito
às farmácias do martírio
aos unguentos dos desenganos
a luas fenomênicas de amor famintas
à poesia expressão do ser do homem raiz e signo
às violentas urbes do novo mundo
às rosas armadas de carmim
aos misóginos jardins
à fenomenicidade da pedra
à eteridade do poema
ao sono inefável das sílabas
ao poluto e ao potável
aos pétreos óbices do empíreo
às vísceras brancas dos hospícios
à ontologia geral e aos hospitais municipais.

PALAVRA COMO VALOR DE TROCA

Vital Corrêa de Araújo

A prosa e a poesia diferem quanto ao uso da linguagem.

A prosa utiliza a linguagem falada na escrita ou quase. A linguagem ordinária, diária, comum, cotidiana, de comunicação dia a dia, tal como ordinariamente se usa, é do domínio da prosa, reflete-a, constitui-a. A linguagem poética não serve, nem pode servir aos propósitos da prosa. Prosa poética e poema em prosa também diferem da prosa pura, crua, comum, ordinária.

Na poética, a linguagem comum é separada de seus padrões diários, o que a impulsiona à busca de novas e outras formas de expressão, que não sejam os prosaicos, comuns ou não, ordinários ou mesmo artísticos. Tendemos (ou queremos) a fazer poema tal como se fala, o que, à exceção da poesia popular clássica (cordel, etc.) é inócuo e danoso ao fim poético. Ideologicamente, a poesia tem como finalidade a si mesma. E não outra coisa como a prosa.

Valéry, o gênio, antecipou Jakobson e muitos. Distinguiu cartesianamente a palavra poética do uso comum, normal da linguagem diária (falada e escrita).

A linguagem diária é como, numa analogia monetária, a moeda circulante, trocados, que assim como nosso dinheiro (papel moeda, não página poética) não possuem como o metal, o valor nela estipulado (ou estampado na “coroa”).

“A linguagem da poesia não é um mero indicador que se refere a algo mais, mas, assim como as moedas de ouro, são aquilo que representam”, conforme Gadamer ensina. O lastro é nela e nela se realiza.

O estalão da linguagem poética é sua própria natureza.

A linguagem comum (não poética) se assemelha a uma moeda que passamos de mão em mão, de forçado curso diário utilizando-a, entre nós, no lugar de alguma outra coisa. Ou seja, linguagem como meio de troca, verbo por informação, vocábulo por recado, lição.

“A linguagem diária aponta para alguma coisa mais além de si mesma... e desaparece por trás dela” (Gadamer)... quando comunica, dá o recado, firma a lição, informa, realiza-se e some, esgota-se. Se transforma nela.

A linguagem poética o é em si não para outro. “É como o ouro em si” (Gadamer).

Trocamos a prosa pelo seu objeto, ao comunicá-lo. Obtemos algo em troca, como afirma Gadamer: “uma moeda que passamos entre nós no lugar de uma coisa, de alguma outra coisa”.

A linguagem comum é o que quer dizer, a poética é o que é. Ou como o seja.

A informação, o recado, a lição é o objeto da troca pela moeda ordinária (de curso legítimo) da prosa (normal, científica, jornalística, etc).

POEMA COMO FUSÃO DAS METADES PERDIDAS DO SER

Vital Corrêa de Araújo

O poema – como o símbolo grego que servia para unir e reconhecer – ele se completa no leitor – não em qualquer leitor – naquele que espere completar-se intelectual e misticamente, não sentimentalmente. Porque sentimento sentimentalóide é algo bem pequeno, irreconhecível, poeticamente desprezível, não servindo como complemento.

Sentimentalmente somos ainda coração (bomba oca de sangue) e não intelecto (cérebro em expansão vital).

É a conexão real poema/leitor que espero alcançar com minha poesia.

Você – leitor qualquer – continuará a ser metade (platônica) enquanto não “me ler” ou acessar poema que o complete. E isso não é para qualquer leitor.

Enquanto você não alcance (chegue a) sua parte perdida, será fragmento de ser (incompleto, mesmo incapaz, dividido na vida, parcial) ou symbolon, metade de algo em busca da outra.

Essa outra metade de si, o symbolon, que busque acoplamento, plenitude, unidade plena não é algo dado, claro, meridiano. A outra metade de nós mesmos só a reconhecemos num poema não lógico, aparente, mas obscuro apenas sugerido, de modo que da sugestão iremos à verdade, à conjugação das almas.

Como tal se aplica ao poeta, reitero que a poesia não serve para sermos compreendidos mas para nos compreendermos.

Simbolismo aqui não é algo órfico, proposta de um código para acesso ao oculto, caminho de símbolo em símbolo para chegar, acessar a mensagem escondida, no final feliz do poema.

O significado do poema é sempre incompleto, capaz de novos ângulos hermenêuticos que o desvelem mais e mais, proporcionando-lhes novos saltos para inteira completude. Sempre haverá (e deverá haver) ou restará uma aura de singularidades em torno do poema, no périplo de revelação de sua temporalidade absoluta. Aqui entra como elemento o tempo (época) da recepção, condição que não é dada, mas aprendida.

O poeta procura capturar o tempo, suspendê-lo ou adiantá-lo como que se o conúbio das partes, as bodas das metades, fossem mais perfeitas ou possíveis num futuro.

Nos reunimos num livro de poesia não para sentir ou fingir emoções bonitas, superficiais, do âmbito da pele, mas para a congregação e pacificação da alma, salto dialético mental, imortal.

Como a experiência da arte (poética) é a do significado (do amalgamar das metades perdidas do ser, cimento de si e do outro), então as hermenêuticas todas são essenciais partes desse casório poema/leitor, palavra/poema, poesia/vida.

A palavra poética não é meio de informação ou fim de comunicação, não se esgota, desaparece por detrás do assunto que trata mas é o assunto em si.

Sentimos de frente o impacto quando lidamos com a poesia. Quando a opaca rede-forma da linguagem poética assoma e interrompe ou caotiza o precioso (e dourado) fluxo lógico do entendimento, como estávamos habituados com a prosa nossa de cada dia. (Como eu disse: Só às paredes confesso é megapoema para os não habituados).

O fácil entendimento, o recado direto (como um uper de cima para baixo) e a lição (de moral ou não) tão querida é posta em xeque (morta). Os (incertos) poetas complicam a poesia, exigem do leitor (mais do que eles podem dar, gás de que não dispõem) a compulsão do dicionário. Vêm com palavras novas e inusuais para confundir.

Num poema, uso colóquio como verbo (eu colóquio, tu colquias) e o leitor detesta (não entende e, se não entender, não vale: é a regra famigerada vigente).

ÍMPETO E TEMPESTADE

ARCO DE ESTAÇÕES DO CORPO

ÂNFORA EFÊMERA

ÚLTIMO SAL

RITO E ACASO (GÊNESE)

cena crucial

útero e timbre

coivara e vazio

pomar de fráguas

parto e épura

veio de Deus

estado final

BARRO ETERNO

ARCO DE ESTAÇÕES DO CORPO

Esse inverno cheio de tédio vão
(águas selvagens frios comoventes)
esse verão brilho de cão
canícula se alastrando
como escorpião
pelo ventre do solo
violino aluvião
pelas clavículas do sol irmão
a primavera e seu fulgor insincero
tão inquieta quanto teu coração
as estações enfermas
o ferrão de Deus
as catilinárias do sertão
mar como cemitério
sem perdão.

II

Dos lírios branca sonata
e aroma que porvir espalha
(pelo coração celeste das amadas)
da magnólia alma declara
sua afeição mais rara ao cravo
sempre ativo ao lado dos círios
(no mais augusto ou humilde velório)
dos lábios da rosa ao rubor da ave
que inventa a cor da tarde emboscada
do coração impuro dos poetas o pêndulo.

III

Sono nos olhos pousa
fruto do assombro da pálpebra
ou da incerteza da palavra poema

perante outono do rosto
resta tristeza, mosto
ou triunfo da morte.

ÂNFORA EFÊMERA
(Encha-a e verta)

Com duas andorinhas criar
só um verão (o mais longo)
no pátio onde outono pousar
para ver cor do corpo
ninho dos cabelos
certeza da veia
estampada no olhar da leitora (cosmético)
após breve e canino verão da vida
descambar para outono sem dentes.

Justiça vale uma moeda
misericórdia duas
(nenhuma vale o coração).

E as letras da lápide
(escandalosas ou cruéis)
não têm preço
(ninguém as paga, logo apaga).

Nada é sempre.
Nasce e morre o ímpeto.
Brilho naufraga.
Sono recua, a alma
definha como prata.

DA SÉRIE ÚLTIMO SAL (seis poemas)

NOME DO SAL

Extraviado sal sabe o nome
do seu intrincado coração guarda
sons úmidos, redomas brancas, tímidos carvões
e címbalos redobrando
angulosas luzes esclarecem
esqueleto dos sábados
à beira de domingos pânticos urdume sonha
e sobre víscera de abandono deposito
o bônus da vida, sal anônimo.

(Inumo homem
numa cova de estrela).

2

Espessura da cinza
Voragem dos vermes
tudo mede homem.
(litros de soberba
rio não corre
da veia do poema).

Vida

tudo que veio do acaso
(de uma sopa de bactérias
numa tigela ao léu)
e num veio de ouro morre
(acamada de vermes dourados
ou envolta em fezes anônimas).

4

Destino de rastros implora
ao homem incrédulo
a bússola, o nome, a hora.

5

Além da erva velho turvo vida encerra.

Desnudo cansaço dos dias iníquos
verto a ti noites de sumo
à terra ofereço
 último sal.

SETE MANDAMENTOS DO POETA

1. devoro obstinação e sigilo
2. convicção do pecado minha senha
3. me evado de todos os príncipes
(e dos tiques ditatoriais da gramática)
4. me aferro a todas vertigens
de todos precipícios me abeiro
das fraturas da visão às convulsões do espírito
ofereço palavra alívio escudo
dessas alavancas – que movem poema
não se sobrevive como poeta
5. abrigo da obsessão (alma) algemo à página
(castelo, exílio, morada, noite escura)
6. (para cultivo da ira me preparo)
7. (e dor dos tempos).

RITO E ACASO (GÊNESE)

CENA CRUCIAL

Mergulho na voragem, do báratro do espírito busco
sêmen puro do infinito (raízes do nome)
êxtase celeste, cósmico delírio
orgasmos maiores que estrelas
gozo galáctico, ávido ocaso
(em que imerja alma para salvá-la
solver carências, amar sua impotência).

Lume gozoso busque
face inóspita
não se renda.

ÚTERO E TIMBRE

Desertos espaços sem nome ou corpo erravam
quando ainda nenhum deus tinha sido criado
do caos, reinava o inaudito, a incerteza plena
absoluto vazio e abismos puros pairavam
(império insolúvel, elétrons dissociando-se
em violenta catálise
íons sem ventre, cátions utópicos)
do rosto do nada, ao léu do acaso das coisas
sem alento, sopro criador de deuses
não exalara (nem ao menos cogitara)
tudo estava suspenso num vidro cínico
(das bactérias apenas tênue espasmo
ouvia-se do fim da eternidade úmida).

COIVARA E VAZIO

Imperava vasto, terrível vácuo (ubíquo, pleno
quântico

propício, púnico

coivara fracta

amorfo cônico prosperava)

as coisas automáticas eram puras e servis

vigia passagem soberba trânsito eterno

postado sobre lenta gávea de pedra selvagem

vento nômade em assembleia (cardoziana)

assistia o nada vazio, coisas ébrias de ser

silêncio estéril, verbo sem voz.

POMAR DE FRÁGUAS

O tédio de tudo criar-se de onde havia somente
fúria de saber-se absoluto, uno e morto
semente sem ventre, cansaço, vago, úmido
havia somente vasta incerteza, expectativas nuas
além do som que o pranto do tempo (incriado também)
à terra prometia, música de sal, tambor vital
urro cósmico presa da garganta de Deus
(como fráguas inacessíveis e férreas
brotando do esôfago das criaturas).

PARTO E ÉPURA

Mas eis que as coisas se povoam de deuses
usina de pandemônios desatada
dínamos insones, máquinas sem nome
ímpetos a trabalharem sem temor
procriando criaturas quânticas
nascidas da fé e da albumina
seres únicos de ossos e seixos
do medo e da dúvida vindos chegaram
do choque de hostes místicas e lógicas celestes
de fiéis batalhas
e demiúrgicas liças rebentaram

(do amor da relva com o carbono
do nitrogênio com a leguminosa)

VEIO DE DEUS

do embate de catracas primitivas com sílabas
da forja do tempo com infinito comungados
em coito incontrolável
da empedernida cópula do espaço e da eternidade
da boda do que não cessa com o que não acaba
veio Deus.

ESTADO FINAL

Córregos de mel e fel
pássaros carregando
nos ombros melodias à tarde
fardos de sonatas presos a árvores
pés molhados da vertigem lunar
orvalho de lã
ventre do monturo ou da verdura
ângulos noturnos
atravessados de detritos (e dêS).

BARRO ETERNO

Jaz em débil imobilidade jarro
milenares mãos do tempo corroeram de ternura
áspera e de intemporalidade amoldaram.

Criaturas da mão demiúrgica
o deus de argila, o faça-se de pedra
o verbo de barro.

(Usina horizontal
de onde Deus forjou o sopro
e o vértice)

CANDELABRO E PESADELO

TENDAS DOS SÁBADOS NÔMADES
TIGRE DE SIMETRIAS ABOMINÁVEVIS
MÔNADAS, MÁSCARAS, SÁBADOS
CONFISSÃO (SINCERA) DO POETA

“Todo homem que entende demais
– ou intenta fazê-lo – é um estúpido”.

B. Gracián

(E leitores – de poesia – idem) VCA

À loucura do círculo e da elipse
deve-se a poesia. (VCA)

SOB A TENDA DOS SÁBADOS

Sob tenda súbita dos sábados
afugentar o unguento das mágoas
refugiar-se dos regatos do gozo

E desnudar-se das águas
ungidas de tuas mãos macias
sob tenda nômade dos sábados

Sob árabe tenda dos sábados
contemplar teus olhos (oásis azuis)
urdidos de doces abismos

Olhar uivos
sentir estrelas
amar desertos
ouvir nuvens
sob ávida tenda dos sábados

Sob galáctica tenda dos sábados
confortar-se
de harmonias e maçãs edênicas

Sob tenda ébria dos sábados
ungir a boca com vinhos carmins
que enrubesçam corações

beber do seio da amada
embriaguez suprema
todo erótico leite da vertigem
refugiado na mão amante
tocar aromas do futuro
sob tenda indômita dos sábados.

AO TIGRE DE SIMETRIAS ABOMINÁVEIS E A BORGES

Para tigres não há limites
saltam como alces
surtam como lince
o tranquilo sangue dos cervos rasgam
estilhaçam etíopes
do voo conduzem infinita e crua
ternura dos espaços soltos
e dos cumes traem a brancura mais ágil
mescla de suas listras rápidas
com o espectro de jângal, plêiade carnívora
cópulas simétricas, êxtases selvagens
geometrias emboscadas, fagulhas de carne
voam de seus olhos indomados.

MÔNADAS, MÁSCARAS, SÁBADOS

As mônadas dos brâmanes
são ondas de sombra
rodas de carne
odes de sabres, dobras
de súbitas corolas, obras
da veloz passagem
cimitarras nômade
anéis sublevados do espírito
máscaras de quartas-feiras.

(As mônadas dos sábados
são cláusulas de cinza
que cônsules inconsúteis assinam).

CONFISSÃO (SINCERA) DO POETA

Sob postes de octaédricas luzes
e sombras circulares estaciono
com a cadela de lado, a coleira ávida em riste
a ouvir vasos angulares uivarem
e crivos pitagóricos inúmeros
(como coisas kantianas) bradarem
das veias de Sócrates que cicuta acatam
religiosamente.

VERBO DE BARRO

**POEMA: FLUXO DE PALAVRAS DO ESPELHO
DA PÁGINA SOMBRA DO BARRO**

Às debêntures do ânus

À terra de ninguém, ao istmo triste
à pedra entre oásis, ao períneo

Ao hímen inóspito da palavra: poema

À absoluta e inerme escolástica

À névoa indolente que grassa
no pânico crânio dos retóricos de agora

“O poeta é o ser menos poético do mundo.
Pois não tem identidade. Não parece com ninguém
e vive no outro”. **Keats**

“O eros procede principalmente de uma excitação das membranas
do cérebro assim o seu relacionamento com o absoluto resulta de
uma paixão intelectual pela construção”. **Gustav R. Hocke**

Ser é dissimular. **(VCA)**

A tudo acrescenta o desejo
– que é o sal da vida. **(VCA)**

“O poeta não tem caráter. Ama luz e sombra igualmente.
Tem seu próprio critério impróprio.
Que a vida seja bela ou feia, triste ou alegre
nobre ou vil, rica ou pobre, vilipendiada ou não
não importa”. **Keats**

“coisas que podem chocar o filósofo
ao poeta encantam”. **Keats**

POEMA: FLUXO DE PALAVRAS DO ESPELHO DA PÁGINA

Palavras circulam como veias
do corpo do poema, páramo da tinta
(como planetas sonoros das órbitas
verbais das estrelas navegam)
heroica, herege na palavra esculpe
imagens fálicas, erige
gozos e dízimas exatas o verbo
quando sangue do sintagma engolfa
o útero da metáfora.

Vozes singram do mar matinal dos galos
(gargantas do amanhecer como orquídeas abrem-se)
águas cantando correm debulhadas como milhos do campo
grito empluma-se , espouca orvalho
potes de claridade bebem olhos alados
cinzas nascem da pocilga do amor estagnado
flui tristeza da haste dos pecíolos trêmulos
e das flores funerárias como enxurrada.

Fincam-se do abdome do touro
(como se das vísceras ressoassem)
bandeiras sangrando, emblemas de ira áurea
pátria do taurino coração partida
guardam cântico escurecendo
poetas desterrados
verbo sublevado peregrina
ao longo das estrelas mais distantes
do ponto euxino da palavra
(cilas e caríbdes da escrita)
onde lavra eco trepidante do universo
(presa da solidão sem limites
onde tristeza cósmica adeja)
périplo de que a imagem
impregna a página
(quando exílio já se azula
no coração da sílaba.)

(?

E quando a lâmpada exausta
exalar a última luz
o que será do livro
e a leitora o que fará ?)

Da coleira do céu
escapa brilho rebelado
da cósmica cavalgada espero
cão maior
(horda de estrelas da constelação lata)
dele sai olhar equilátero, zeugma de caos
a ilha nua da palavra plêiade e sal
pendula como náufrago ao léu
ao céu da última água.

A lança trêmula (óssea) do horizonte esplende
vibra implacável pálpebra do poente
da persiana açucena do mar
úmidas estrelas brotam
(relâmpagos franceses de baunilha e metáforas uivam)
a porcelana da gaivota ondula
da cerâmica do céu dos pássaros lanças
e resmas de voos solitários rastejam
sedas selvagens esvoaçam, vicejam
cisnes lançados do olho de Deus
sede de cruzes e âncoras se alastra
transita enxame de nuvens
da colmeia do sol pendem rios
e chusmas de bemóis acesos
derramam-se sobre relâmpagos.

Do poeta se apossa vertigem da palavra
leitoras da nau submissa embarcam
submergem das águas o ignoto e a sarça
sais da volúpia o poema apalpam
papoulas do sentido elastecem o instinto
da leitora que da tibia celta do céu
olha a página já náufraga, triste
e da horta das estrelas dávilas (crucianas)
do sulco da lira mais alta (mais holpping)
enfrenta a palavra.

SOMBRA DO BARRO

(a morte também é de barro)

O que sobra do barro sombra leva
em inefável caravana por senda escura.

Voa para além da tênue sepultura
sopro que ao morto abandona
e feito pássaro assoma a cimos lentos
que a noite modela com veloz minúcia.

Vai-se o rosto no vórtice supremo
e no mármore eterno deixa apenas
traços furtivos de um aroma tão raro
que a memória preserva com usura.

Até que incerto rumor corrompa
as puras vozes da espera
e na argila que reste treva esculpa
as frias legendas de sua injúria.

A CIMITARRA E O LUME

TÍTULO PROVISÓRIO
HIPINÓTICO CREPÚSCULO
DO TEMPO, INSTABILIDADES
LORCA, IMENSO COMO MANHÃS

“A imaginação é o cadinho
das ideias delirantes que emergem do inconsciente”.
Gustav Hocke

Da retorta da página freme o poema. **(VCA)**

Ofélia julgava Hamlet louco. **(VCA)**

DEDICATÓRIA SETE

A Schopenhauer, o ídolo dos diletantes vespertinos
e ao dolo
às incisões e pinças epistemológicas
aos cortes longitudinais dos cordeiros
à culinária dos escombros
às baunilhas liliputianas
aos condoreiros de uma outrora já podre
às façanhas do deutério
aos favores e às imposturas senatoriais
às tênues veias especulativas
e elementares onde circula o sangue racional
ao caminho dos filósofos de Heidelberg
e às relvas do pensamento que alastram
às guerras bursáteis
ao debacle dos mercados mundiais.

TÍTULO PROVISÓRIO

Coo manicômio encomiástico no monastério noturno.
Aos céus atijo fogo cego, lâmpadas de credo, veloz uivo de voz.
Colho estrelas com gesto de olhar em concha.
Duvido que o dever seja infinito abrigo
(o que de mim resto do interstício do mais finito)
o contrário do que digo desfaço, reajo
ao fim a que me dirijo com meio que me liberte.
Com gestos ágeis ou límpidos e ruivos olhares ajo
rijo assumo pódio ereto, muralha erijo e rejo
contra eu mesmo sinto-me a mim mesmo lúbrico
(intenso como se de mim fugisse o rosto)
Ao avesso com que me esmiuço dívidas urdo.
Dissídios edifico, alicerço óbices, rumo-me inteiro
a teus pés esplendorosos, caminhos do rosto perdido
ato-me a teus braços trânsfugos, redijo
o ultraje no contra-disco da vida-máquina sinto
trauma sifilítico, dom vazio, nadas dourados, redondos
sei que o filósofo senhas nunca desdenha, penso
tornar-se retilíneo, o espírito auto-atormenta-se
o sal da morte ri, urge, ergue

bandeiras brancas desatinas
que álgebra alberga sonhos exímios, quimeras exatas
que alberga lassas curvas do infinito assusta
e safiras do tempo transmuta em bismutos?
a índigo blusa vasta-me o plectro ubíquo
álgebra a adiposa madrugada esculpa xizes
com olhar de cálculo escuro, ábaco e desalento unos
e deixe perpassar equações renanas às tulhas
ou teses urinárias tedescas aos molhes
das límpidas ruínas de mim axiomas prosperem
entre cinzas velhas de fêniques
já úmidas, frágeis, apodentradas colho-me o olho
à noite interposto, ao idílio dos vermes lançado
vencido por tantas vidas difíceis (superpostas
e emulando como ações da bolsa estagnada do aborto)
e por touros sem nome, lavrado de verbo
combalido, adjetivo, unto-me
de teus unguentos íntimos, clamorosos, ávidos, substantivos
e suicido
já não serve maquinar-se mundos
com palavras cruas, cereal estéril
maquiagem burla
iluminar-me de sombra e muro
a algebrar o ego hirsuto..

HIPNÓTICO CREPÚSCULO

Tempo plúmbeo (como o teu, leitora estrábica)
só relógios vândalos (ou lascivos) medem
relógios íntimos, místicos, úmidos, inodoros a Cronos.

Não se mede templo delirando
não há pêndulos que o comovam
hipnotizem, guilhotinem.

Nem clepsidra maga
fruto de círculo solar há
de reter o fluído cronológico, prender
o átomo do tempo violento.

Resta contemplar o crepúsculo
que até ao tempo hipnotiza.

DO TEMPO, INSTABILIDADES

È preciso ter olhos sobre os olhos
para ver como eles olham.

B. Gracián em Criticón

A que acrescentou:
“a vida é uma alfândega do tempo”

Olho não vê o que um pintor faz
nem de longe o de que um poeta é capaz

mas vê
através de um cronômetro paranoico

o tempo destruindo o espaço (que passa?)
elegendo instabilidades ao redor
arrancando rostos das máscaras
instalando sinceridade no dorso das mãos
(o côncavo da pele de serpente como um livro
de câs e dores)

LORCA IMENSO COMO MANHÃS

Lorca ou o pranto longo da acéquia, rosas
arremessadas da dor, tumulto de papoula, volúpia do luar
coro de estrela dalva, garganta de guitarra
alba de cor úmida, grito de gnomo, olhar de dália rastejando
num jardim lúbrico e fúnebre

rastro que vinhos velhos deixam
(quando na tina rastejam
o mosto engalanado das unhas do carvalho)
ao cair dos mantéis noturnos
das catracas da alma derramar
para o odre da canção
(das veias de Sevilha)

Canção que vence insuperável
ponte que jaz entre desejo e realidade
alatargado canto estendido desde extremos
aos confins da palavra revolver
aclimatando delírios vivos

Aroma largo de camélias brancas dispara
do vazio pleno flechas apodrecendo
alvo branco
do verbo que é rosa e repousa
no coração do ditirambo.

Poema de lorca
o da guitarra flamenga
o da penumbra cigana
o poeta da Graça e de Granada
que a palavra despeja
da lapela do humano
nas páginas da alma

Lorca ou o sangue que mora no martírio
canção que late no coração do tempo
poema que uiva da boca do mundo
sangue
 que é arroio do Guadalquivir.

CONFISSÃO DE LEITORAS E OUTRAS CONFISSÕES

CONFISSÃO ESCRITA DE UMA LEITORA
PALAVRA NAVEGA
NOITE A NU
ALERGOLOGIA BÍBLICA
TESTEMUNHOS
ÊXTASE E PRANTO
À DOR DO MUNDO

CONFISSÃO ESCRITA DE UMA LEITORA

Frêmito escuro cruzou meu corpo ontem
algo como cavalo bêbado atropelou o seio
gol de voragem habitou os olhos
estridente colibri martelou
o ouvir sereno cúmplice do regaço
as veias todas se levantaram como auroras
cordão de pássaro colgou a garganta
sob um céu de abril endiabrado
mas sua sombra bradou do coração
e não me perdoei.

(pendão cruel triunfou em mim
bandeira abandonada do lábio) PS

PALAVRA NAVEGA
NO MAR PICADO DO POEMA

A palavra naus singra seios
entre claustros frios lua pasta
silêncio rural
tormentosas ondas gritam
da garganta encrespada do mar
de abril abdominável.

A palavra navega ancora na página.

(O poema brota da palavra nau
encapelada de sílabas
enquanto as vozes do cais
demoram como pássaros intrincados).

NOITE A NU

Na extênuia noite quanto
beijo pede a boca
desesperada?

Quanto ímpeto o
flanco desata e desejos
elabora o lábio?

(Antes que manhã se intrometa
hóstia cruel de claridade entre
lençóis sem pejo lance-se)

quanto de ti hei de beber, quantos
véus embriagará o olhar?
(quantos dias amar durar).

Ao longo da noite encantos
deslumbramentos, ápices, urros
devoradora comunhão de carnes, íntimos
átimos de vertigem, sede de vastos unguentos.

Na manhã sobrevivente apenas
perdido rumor de sêmen
a lenço lascivo incrustado
traço de volúpia expresso
no rosto inda marcado
pelo vinco interminável da noite
extinta entre lençóis devassos
pelas báticas do vítreo dia
impiedosa aurora que aporta
com toda sua clara horda
no leito – noturno mar de amor
que estrelas do gozo laminaram.

ALERGOLOGIA BÍBLICA

Abraão alérgico ao pó prometido de Canaã
desistiu do sonho errante
e foi ser copeiro em Ur.

(A Torre de Babel (de papel?) continuou
a erguer-se (da pena e do pranto artesão)
os edifícios do céu choraram
suas quânticas lâminas (vítreas e cruas)
eletrocutaram anjos).

A Abraão incomodava
segundo seu irmão Aarão os “as” do nome
além de fios de feno fenício
excesso de pedregulhos dos pés
e futuros fungos púnicos.

Ele tinha cartaginesa certeza de existir
(embora anacronicamente se perdoasse).

Pois é hábito do escriba mesclar
sensações históricas a aventuras da palavra.

Abraão então passou a crer no “a”
ajustou as pálpebras contra pedras
achou seu destino bíblico no poema.
(Embora não gostasse).

TESTEMUNHOS

Mil canículas devoraram o sal
cêntimos de árabe suor escaparam da alma
tetrarcas brancos olharam o soslaio

enquanto luas frágeis fugiam dos assustados oásis
e das rosas asiáticas feridas de intempéries
para ilha das lâmpadas metropolitanas

(antros escurecidos pela usura violenta
em meio a invencíveis lutas desatadas
pelo domínio das perdas, absolvição dos danos).

Violadas sementes aguardaram o outono
com acre subserviência e ledô espanto
desinências se desesperaram, aparatos sofreram

enquanto quandos e entretantos minaram
rosto de sobretudos, nascentes mortas, sintaxes podres
horas decompostas, máscaras arruinadas

porque corrupta erva errava na avenida interrupta.

ÊXTASE E PRANTO

Da solar impureza do destino
à inaudita dor de ser
como o noturno êxtase da orquídea
e a podridão dos aromas diurnos
tudo traz tristeza de amores ceifados
à messe fugitiva dos últimos orgasmos
a um canto de paredes desmoronando
de muros prosaicos pende crisântemo ruído
a dor de ser escava no rosto
o nome da rosa e o mosto
enrubesce quando a guela da taça enfarta
a aveia calada boceja na papa
revoo de aves surpresas no chão arpeja.

A alegria ébria, o vinho posto, o pão nosso
comungam do mundo (negam a pedra).
E a álgebra.

II

O cansaço sabor vencido
a amara dor da derrota
o extênuo desaguar do choro
a correnteza impúbere dos olhos
e a pesarosa cor da vida. Nada muda.
(Na face traço de pranto
seco não liberta ou salva o rosto).

À DOR DO MUNDO

(às sílabas cruentas das sibilas).
O Poeta se confessa

Vivo no limiar do absoluto obstinado impuro
sinto (muito) sua respiração áspera extrema
(não intrasendente ainda)
palavra é alma
sopro corpo de sílabas
rumos cevam corações
(neles uivam dores passadas)
Vivo o continente conturbado de mim mesmo
(o mim mesmo é como o eu de outro, o nós).
Fuga sonho infinito.

Do átrio metafísico do coração fulge
asa de anjo, habita desejo longo
depaupera-se a pureza
inocência esvai-se
aspereza impera, vige o incontido
ira célere reina, espelho tudo
num átimo de olhar
na página de um poema.

De treva em treva cheguei
ao auge da angústia
apalpei o abandono
ao cume da grande treva fui
do imo do âmago e do alto negro abisso
a dor do mundo diviso
e novos precipícios
(em cada parágrafo
dos desalmados gramáticos
que infertilizam a poesia).

ELEGIAS RECIFENSES

À tristeza da impotência, a pior. **VCA**

“A má literatura é sempre feita
com bons sentimentos. **Oscar Wilde**

“Eliminar a imaginação do prazer
equivale a matá-lo. **Proust**

Entre a realidade e o desejo naufragamos.
(VCA pensando *Cernuda*)

“Todos querem sair do labirinto
eu quero entrar”. **Cláudio Veras**

FOI UM VERÃO AMARO

(úmido, avaro
infecundo, ávido
adjetivo)

Era um fim de tarde de verão irado
não era outubro então
 (usinas ainda não desatadas)
e um pássaro (ou dois) de março egresso
do tédio infinito da nômade tarde pousou
junto a uma (ou duas) maçã que pendia
da algibeira de janeiro (pomar do zodíaco)
da safra de teus últimos lábios

Fevereiro deixara rumor amarelado
(esperma que o sol depositara no cálice das flores
gemia como ameoba que espasmos conduziam)
sobre a onda atlântica de sal crescente
da litoral sombra de gaivota areia espreitava
(quem sabe, voo traçado pelas asas do acaso)
além de um raio de sol em queda áurea coado
sobre teu rosto naufrago a meu olhar negado
(como a piedade que não tocou Aquiles)
submerso na dor de não te ver em setembro.

(O poeta preparara um verão sem sombras
só a ímpia claridade ecoaria em seu rosto
ou o raio de sal que viria
quando a primavera fugisse
para sempre de sua mão)

O corpo do verão era
trêmula tâmara do Sahara
que oásis me oferecem
aos olhos ávidos
(o desejo beduinando desertos ínvios
desprezando-me por não saber da sua realidade).

(Árabe poema Gide asperjava
dos músculos das rimas jovens raiavam
caravana de efebos ecoavam
ardente deserto não o era mais
do que coração francês sublevado
pelo desejo ímpar
que supremo amor prometia ao corpo).

Se assim não fossem os meses
(repetitivas sementes que aos seres
temporais alimentam
ou alucinam
caterva de horas iguais, tédio crônico)
se assim fossem as messes
insensatas como semestres
se assim fossem
as catracas do calendário não morrerias
o pássaro em flor do olhar
não cessaria seu fluxo
e Deus não deixaria de lançar
grãos imortais de luz
sobre meu rosto infecundo
(e sem dono)
sobre meu coração escuro
(e sem dano).

Tua volúpia cobriria os levantes (e os ocasos todos)
(sobre o corpo asperjaria gozos e segredos)
e reses tresmalhadas levariam em séquito cru
os infortúnios a redis arruinados
desvario a meu olhar domado
paixões rebeldes ao sangue algemado
ou pastos tranquilos à dura alma fabril
rações de agosto ao coração punido.

(Ao tranquilo redil da voragem vou).

Por que setembro veio e gerou
do útero de outubro a solidão
desse fim de tarde carnal?
Unívoco como uma pedra
previsível como arbusto enxameado?
(cujas vitórias sem raízes se eternizaram
no caminho dos poetas, o das desditas
com palavras colonizadas).

Interrompo e hauro nome
de um tempo sem glória
mas sem medo
do amor e da ruína juntos
em que cirandas e sonetos
se aglomeravam em meu espírito
e os rituais da palavra
 – sais inóspitos do verbo
cobriam a mesa com páginas insones
e o desejo ultrapassava qualquer realidade.

Além do que o poema desdiz
(sua vida é invadir salas da aparência
atropelar sossego
defrontar o real e suas deficiências
rimas enganosas, edifícios lassos demolir)
além do que calam estas clamorosas estrofes
além do que sobre trêmulo calendário se desdobre
(horas sacrificadas ao abandono ou usura não calculo)
declaro amar-te até à morte, poema
porque és meu salário, minha sede.

Porque palavra é destino.

Tudo foi lascívia e delírio
pajem do gozo
abjeto mundo
não sobrepujou o poeta
o mistério da palavra resiste
a lupas tecnocráticas
a exegeses viciosas se revolta o poeta
a dessacralização do eu
tudo o que o verbo destrua
é o legado.

POMAR DO APOCALIPSE

POEMA 21

G F

PERGUNTE A POUND

POMAR DO APOCALIPSE

Tratos primários, rios intestinos
atmosfera em fúria, decibéis úmidos
elementos revoltos, céus desatados
nuas óticas, vis pudores
rumores desesperados, usinas dissolutas
meses acatapultados dos nichos do zodíaco
causas obesas, alvos rendidos, cosmo ferido
resistências ímpares, épuras rompidas
poema incomedido
expansões se contraindo
contradições explodindo, forças fictas
empinadas quilhas do ar
aplanando o mar da eternidade
fronteiras intemporais
ângulos e átimos das tempestades íntimas
invisível escultor de águas vãs desesperado
correntes de tempo aferradas
a um instante sem data
do ventre de um ditirambo dilacerado arrastadas

pólen de cruces, urzes de cinzas, essas douradas
que ventos minerais incitam
águas sublevadas de fortalezas desarmadas
selvas estremecidas pelos danos da umidade
o comércio do pó em alta, nuvens despedaçadas
bulbos vociferando entre arrecifes pardos
lixões da alma urbana
expostos a fraturas e remorsos.
Brisa pousada nos lavabos
vanádio devaneando (na tábua)
fauces do amanhecer áspero
auroras abortadas, claridade fera, manhã
oblonga e dolosa, rosas dos dedos fanadas
olhos de congelados azuis
extinção que avança
morte imóvel
metros que parem novas distâncias
mãe violada, árvores do corpo
brilhos do jângal, poema
onde dormem precipícios.

POEMA 21

O inferno infrutífero
(refratário ao paraíso)
coração

 pasto de gazelas amorosas
hóspede do tempo somos (poeta e leitoras)
a essências venenosas ou amáveis vamos
por veias auditivas voos de andorinhas
duvidosas
 indo cego sinto grito
 eco nos olhos, lagos mortos
em todos muros corações escritos
em todos céus e praças escrevi
teu nome Eluard
sêmen de luz, sol enlueceu e da cópula do sal
com a sede brotou veio (e poesia veio)
sol cobriu lua na noite seguinte
(ela estaria no alpendre janela em riste).

(O Poeta deve tornar-se
cada vez mais abrangente (genérico mas insubstituível)
mais alusivo, mais indireto
para forjar, para deslocar se necessário
a linguagem e fazê-la significar menos
(e ser mais) o que ele
poeta ou poema
quis
dizer indizivelmente
claro e lícito.

G F

Ele casa grande com senzala
engenhos horizontais engendra
lince e alces mescla
mel distrai de confusa cor
hábil e vária têmpera comove
com pinças de abelhas e palavras
colmeia do tempo abre
hálito de Deus

serve-lhe de alento

alma escancara do Brasil
assim elastece seus limites
e os da terra santa e cruz
entra sangue a dentro
sai veia a fora do mundo
para a vida esmiuçada do povo
o DNA do íntimo apura e publica
cautérios sensuais aplica
à pele da alma
antropólogo logo sócio-lírico táctil
das espessuras do sal (que brilha há alma)
aos saís da sombra proclama
a existência do Brasil brasileiro.

PERGUNTE A POUND

Rumor de túnica e cântaro
votivo fogo de lares escuros
serpenteando nas fauces de Deus
enlouquecem estrelas
e horizontes cinzentos ajoelham-se
para ouvi-lo: rumor olhar
ávida pradaria (do céu)
plena de ecos cósmicos ossos de anjos
de pedras e despojos de senis titãs.

(À mulher de Lot
e a Perséfone)

Hora da ilusão não passa
ásqua do crepúsculo demora
como fulgor da última açucena
tarde dorme com gatos
violino do ocaso te ilumina.

Tanta claridade não te basta?

(E o sal que te abeira
não traz sol no barril?)

Solidão, musa, mistério
revelam sílabas da alma
notas de recôndito saltério
ou convulso tropel de centauros
atravessando poro das estrelas.

Púrpuros incensos do verão
nas narinas navegam, entoam aromas
melodias de O², nariz de carbono
sua ardente presença no gélido céu
como líquidas gemas que rolem das cadeias
de brilho náufrago enviesado
até que nubladas algemas do inverno
soem na alma, crivem a inveja
com algemas de outubro e temor.

ELEGIAS GRAVATAENSES

(Meditações de cacto)

À ineptude da palavra poética ergo brado
trânsfugo grito côncavo brando
poluído trago, traço iníquo, canto, lanço
pontes extremas pelo rio lasso
da madrugada sob
lua congelada
diáfana volúpia rego com árduo metro de lágrima.

A incompletude da linguagem do poeta é clara.

Meridiana a significação baixa
(pela vontade domesticada
pela consciência, essa imperiosa operária
ourives da palavra, buril do verbo criador).

À perda de substância e forma da palavra
(sua desvitalização ordinária)
a um mundo vezeiro e useiro da usura como arma
brindo com cálice escuro, cega suja taça
aos aceiros do lixo a gusa dos diademas
à ordem das coisas díspares, fractas
venenos fiéis à veia urdo
aos frenesis da cura me ofereço súcubo.

(Aos miseráveis pedófilos (párocos sem destino)
vermes vivos, excrementos humanos
corja de doentes, enfermos da vida
bando de pústulas, saco de vômito canto).

A INCONSCIÊNCIA DO MUNDO É MERIDIANA.

À banalidade das especulações irmãs
metafísicas e bursáteis, me-
talúrgicas e men-
tais me oferto.

Objetos antropofísicos fabrico
e a eles sacrifico
na oficina antropofágica
poesia convulsa, feérica, plena, última.

(o futuro não virá: eis a sentença)

Profeta plúmbeo me ordeno
pedra proferindo escuro
grito encarcerado
na garganta do futuro
deserto perora
orações de areia vento cria
tudo o que seja humano
ao poeta será estranho
(para que ele empobreça com honra
e não o estranhe tempo vivo)
humano é o que industrial seja
comércio, perda, ganho
corpo, alma
tudo é humano
menos o poema.

(UIVO VIVO)

A palavras contaminadas pelo mercado
(o poema fechado para obras
no mercado da alma
o verbo do futuro obliterado)
(falsos ritos acasalados com crucifixo
escrínios que profetas deserdaram).

Tudo comprometido com o desmoronamento.

O referente expulso do templo da arte.

Clareza condenada.

Nula função do significando.

O poeta a aular. Uivo o vivo
bendigo o sujo
palavra vidente apago.

Palavras enganosas pegajosas do poema mordo.
Incapazes de estabelecer
mínimo contacto com a vida lá fora demito.

Marca maior do mundo a palavra
desincorporizar-se
de ar e vácuo o homem
de umbrais podres.

O chumbo lá descarregado também.
Viva o urânio persa.

Aqui jaz a vida num caixão de estanho poluto.

ARTE POÉTICA

Aos ataques especulativos de Soros
às intestinas batalhas do câmbio
aos bazares do obus piramidal
aos indolentes perdizes, cisnes macios
aos eruditos esquivos
aos escravocratas escandinavos
ao lixo
ao cristal que devora íris
e expectora arcos ofereço
estas Diatribes

a Rogério Generoso, poeta porvindo
a Sébastien Joacham, alto literator
a Ariano Suassuna
e Carlos Newton Júnior

Fazer que a palavra seja física
químico ofício do poeta (sua indústria
persistente, matemática, biológica, aturdida)

para que pese cada vocábulo
(e não o embalsame a verdade)
com pinça (e alma) adequada
e fiel balança

pratos sujos
e sem demora deixe
que fólio intumesça

elastecendo sentido
tecendo (além de galos e manhãs) o intestino
do poema

poeta e sua luta
iníqua, íntima, crédula

para que à palavra adira
confissão maldita
medula incompleta
verbo desarvorado

para que palavra se fixe
(em nenhum fio ou prumo)
no que haja de mais movediço possível

poeta perde pudor
lida com palavra de água
entre dedos da lauda

(palavra de cisterna, cacimba, moringa
nunca potável, a do poema).